

# O fim da Tribo Oti\*

## *The end of Oti tribe*

Curt Unkel Nimuendajú

O estrondo da batalha de Santa Luzia<sup>1</sup> havia cessado. Como ainda pouco antes fizera o Marques de Caxias aos rebeldes paulistas, assim também calcava agora o seu calcanhar de ferro sobre a nuca obstinada dos mineiros. A sua mão guerreira caía pesada sobre a rebelde província; não era, pois, de admirar, que alguns, em vez de se resignarem à sorte desesperadora dos seus irmãos vencidos, procurassem afastar-se do tumulto e da tirania política, indo aos sertões desconhecidos procurar um retiro para instalar o seu novo lar. Muitos, pondo os seus poucos haveres nas carretas imigravam com suas famílias, camaradas e gado para o oeste até ao Estado vizinho; nem o rio Mogy nem tão pouco o Tietê lhes impedia a passagem e, atravessando todos os obstáculos, chegaram finalmente ao sertão de Botucatu, que ninguém lhes podia disputar, a não ser os índios Coroados, cuja exterminação desde logo deram início. Assim passaram em 1840 as primeiras conquistas dos nossos sertões bravios pelos filhos do estado vizinho, tendo morrido nos Paulistas, com a geração que findara, o espírito explorador e aventureiro dos bandeirantes.

Esta emigração do estado de Minas para os sertões de São Paulo ainda continua até hoje: este povo tenaz, empreendedor e meio nômade tem atravessado com seus carros de boi todo o Estado de São Paulo e chegado até ao do Paraná, onde existe, já instalado, um bom número deles.

Foi em fins de 1860, que o mineiro José Theodoro, seus dois genros e demais pessoas de sua família, descobriram a grande faixa de campo que se estende entre as matas da serra do Mirante e as do rio Paranapanema, à qual deram o nome de “CAMPOS NOVOS”. Lindos campos de esplêndidas pastagens de muitas léguas em quadra alternam aí com matas espessas,

<sup>1</sup> A Guerra de Santa Luzia é a forma como ficou conhecido o descontentamento revolucionário dos mineiros com a antecipação da maioria de Dom Pedro II em 1840 [nota da presente edição].

\* Publicado originalmente no jornal *Deutsche Zeitung* em 1910. Transcrição extraída de NIMUENDAJÚ, Curt. *Textos Indigenistas: relatórios, monografias, cartas*. São Paulo: Loyola, p. 33-41, 1982.

cerrados secos, matagais, samambaias e sapezais. Pouco além do vau do turbulento Capivara instalou José Theodoro seu novo lar e construiu, obedecendo aos preceitos religiosos de seus antepassados, a capela de Nossa Senhora da Conceição de Monte Alegre. Pouco depois lhe vinha reforço de Minas.

No começo do ano de 70, instalaram-se as famílias Paiva e Pereira no S. Matheus, Domingos Medeiros no Laranja Doce e Antonio Nantes no Jaguaretê; sendo ao mesmo tempo fundada atrás destas localidades a capela de S. José dos Campos Novos do Paranapanema.

Nos campos circunjacentes aos rios Capivara, Jaguaretê e Laranja Doce descobriram os colonizadores uma pequena tribo de índios que distinguiam perfeitamente dos selvícolas Coroados e dos Kaioás mansos dos rios; e, como era um povo indestro do campo, os chamaram de “Chavantes”<sup>2</sup>.

Com este mesmo nome apelidaram os brasileiros também a uma divisão da tribo dos Akués de Goiás e aos Opaíes da margem direita do Paraná no Estado de Mato Grosso, só por serem iguais às suas condições de vida, sem que, no entanto, estas tribos tenham o mesmo idioma ou sejam etnograficamente ligadas e muito menos idênticas entre si.

Estes “Chavantes” dos Campos Novos denominavam-se de “Oti” e eram em cultura a tribo mais atrasada do sul do Brasil; eles não possuíam canoas como os Kaioás e nem tão pouco conheciam a cerâmica como estes e os Coroados; na tecelagem ficavam também aquém destas tribos; usavam no entanto além da arma destas, que consistia em arco e flecha, uma comprida lança de lenho de palmeira que acuminava-se gradualmente para o ápice, e que constituía sua arma nacional.

As suas choças, construídas em linhas nas margens de qualquer corrente d’água, em pleno campo, eram feitas de ramos metidos no solo e cobertas de folhas de palmeiras e tão pequenas e baixas que dificilmente poder-se-ia ficar assentado direito dentro delas: cada aldeia compunha-se de 30-40 cabeças e a tribo toda poderia ter 500 almas.

O sinal que os caracterizava consistia em um corte longitudinal paralelo à borda posterior do pavilhão da orelha; a sua cor era também geralmente um pouco mais turva que a dos Coroados e Kaioás.

Vivendo os Otis separados dos Kaioás do rio Paranapanema por uma densa mata, raramente tinham encontros com estes; sendo no entanto inimigos assíduos e mortais dos Coroados, selvícolas do rio do Peixe.

---

<sup>2</sup> Na versão deste mesmo texto publicado n’*O Estado de São Paulo* Nimuendajú adiciona outra informação que nos parece interessante a respeito do uso do cavalo. “E por ser esta tribo dos campos e não conhecer o uso do cavalo, recebeu o nome de Chavante” (NIMUENDAJÚ, Curt. Os nossos índios. O extermínio da tribo dos Otis. *O Estado de São Paulo*, 09/11/1911) [nota da presente edição].

Da mesma forma que os Otis viviam e caçavam exclusivamente no campo, os Coroados caçavam e viviam nas matas; porém, de vez em quando, atravessavam os campos daqueles para caçarem nas matas que margeavam pelo sul e, quando pressentidos, não raras vezes se desenrolavam encontros sangüinosos e, se o combate se desse no campo, a vitória era certa para os Otis.

Vivendo os Otis, como ficou dito, exclusivamente da caça que nos campos não é muito abundante, motivo por que tinham muitas vezes mesa estreita, podemos imaginar a ventura que tiveram quando de súbito, com a chegada dos mineiros, os seus campos ficaram repletos de gado vacum e cavalos, caça esta, que além de ser tão fácil de apanhar-se, ainda tinha a vantagem de uma só peça faltar muito melhor um família do que um tatu ou algumas lesmas. Então, os Otis até se tornaram gastrônomos; davam preferência à carne de égua sobre qualquer outra e tinham uma predileção especial pelos assados de potros ainda não nascidos; aos animais feridos que fugiam eles acompanhavam com tenacidade às vezes até ao alto do povoado. Em 1870 trouxera João da Silva, genro de José Theodoro, uma tropa de 80 éguas para criar nos Campos Novos, e, pouco tempo depois, já os Otis tinham matado e comido a última destas; eles não se incriminavam absolutamente por isto, e tanto é assim, que continuavam a viver despreocupados e tranquilos na vizinhança dos criadores; o prejudicado, porém, planejou vingança; ajuntou com toda a calma 57 homens com os quais investiu uma das principais aldeias da vizinhança que estava situada no Córrego da Lagoa, pequeno afluente do rio Sapé.

Os Otis dormiam o sono dos incautos e, além disto, a cerração encobria o inimigo que se aproximava; uma parte deste, pois, a pé, passando através de uma pequena faixa de mata que se estendia pelos fundos da aldeia, cortou-lhes a fuga, enquanto a outra parte a cavalo deu investida pela frente pelo campo aberto e, em poucas horas, se via uma carnificina, igual a tantas outras que pode enumerar a história do nosso sertão.

Atordoados e sonolentos se levantaram os Otis tentando escapar, tendo alguns mesmo tanta pressa nisto que saíam com a choça à cabeça, arrancando-a do solo com o levantar; porém, de balde, eles estavam circulosos e foram mortos todos sem exceção de idade ou sexo, até verificarem apenas duas ou três crianças que foram levadas como troféus vivos. Quantos Otis foram assassinados nesta ocasião no Córrego da Lagoa não se pode assegurar hoje. José Paiva, um dos que fizeram parte do grupo dos assaltantes, disse-me que os mortos estavam em montes sobre o terreno, e outras pessoas me garantiram que o número deles alcançava a 200: no entanto parece exagero.

Depois deste golpe, os Otis tornaram-se mais cautelosos, mudaram-se para a zona do Capivari e Rancharia, abandonando por completo toda a metade oriental dos seus campos de caçadas; também construíam agora as suas choças no abrigo das matas e faziam sentinelas.

Não podiam, porém, deixar de roubar gado; de vez em quando na falta de uma ou mais reses, descobriram os criadores, os restos delas nos acampamentos dos índios; novos planos de assaltos foram feitos, e finalmente atiravam aos Otis matando-os aonde quer que fossem encontrados, fazendo-se um divertimento em os apanhar com o laço no campo. Não havia nisto perigo algum para o caçador, pois que nunca, nem mesmo no maior aperto, o Oti usou sua arma em defesa contra o brasileiro; isto ainda é mais interessante, porque, como sabemos os Otis tinham tido muitas vitórias em lutas sanguinosas com os Coroados. O comandante destas caçadas de Otis era geralmente um tal João Hippolyto, o qual agora reside na região do Platina. Só uma única vez sofreu dano uma pessoa nestas perseguições, e isto se deu da seguinte forma: um certo colono, quando viajava sozinho a cavalo, pelo campo, encontrou-se com um grupo de Otis, que avistando-o fugiu; como porém este cavaleiro visse entre os fugitivos uma mocinha, desatou o seu laço e tocou-se atrás deles para a apanhar; os índios refugiaram numa mata próxima, e o cavaleiro não trepidou em persegui-los, porém tão precipitadamente o fez que só tarde demais viu que o seu cavalo passava debaixo de um galho estendido, e assim, batendo a cabeça com extrema violência de encontro ao mesmo galho. Foi cuspidado da sela e caiu desacordado ao chão; em breve voltou a si, e procurando o seu animal só encontrou dele uma poça de sangue e pedaços dos arreios que estavam atirados ao lado. Os índios vendo o cavaleiro cair, ao invés de se darem pressa em assassiná-lo, aproveitando o seu desvalimento, não tiveram tal preocupação: atiraram-se ao cavalo, mataram-no, esquartejaram-no e trataram de levar a boa presa para a aldeia antes que o colono recobrasse os sentidos.

Obrigados por tais perseguições nos anos 1870-1880, os Otis, já muito reduzidos em número, afastaram-se cada vez mais; e, posto que já alguns se tivessem relacionado amigavelmente com certo número de moradores, viviam agora retraídos e escondidos em samambaias das nascentes do Jaguretê e suas contravertentes do norte.

Posteriormente os criadores chegaram a compreender que, de algum modo, tinham se prejudicado com a exterminação desta tribo, porque enquanto os Otis viviam e dominavam naqueles campos, eles faziam uma sentinela de fronteira contra o inimigo comum, os Coroados, que em nada eram para desprezar. Àquela hoste guerreira era naqueles tempos impossibilitada a demora necessária nos campos para as espreitações com que estudavam os assaltos que faziam as vítimas, porque, logo os Otis davam com os seus vestígios e os obrigavam a desalojarem-se; reduzida agora a força desta sentinela pelos próprios criadores, os assaltos multiplicavam-se de maneira espantosa. Nos fins do ano de 1880, Domingos Medeiros e todos os demais moradores do lado Ocidental do S. Matheus, tiveram que desalojar-se; em 1891, Antonio Nantes, depois de lhe terem assassinado seu filho e seu genro, deixou, com todos os

seus o Jaguaretê, o qual desde aquela época está desabitado apesar de ainda estar registrado erroneamente, em mapas modernos, como um povoado. De vez em quando, porém, ainda se davam roubos de gado e também de vez em quando matavam os criadores um ou outro Oti que se encontrasse pelo campo, ou quando sabiam que eles estavam refugiados em algum samambaial seco ateavam-lhe fogo.

Por esses diferentes processos de exterminação, estava em 1890 a tribo dos Otis reduzida a umas 50 cabeças.

Foi em 1893 que se deu finalmente o primeiro passo para a salvação desse miserando resto da tribo. Vivia naquele tempo um tal Veríssimo de Goes, que era carreiro de um morador de S. Matheus; esse homem era talvez o único que, mesmo no tempo da mais calorosa perseguição ao Oti, com eles se dava amigavelmente; ele os conhecia perfeitamente; reconhecia também que o único meio de acabar com o roubo de gado e com o massacre desses seus amigos, para conservar os poucos que restavam ainda, consistia em os reunir e conduzir para leste, onde então seria fácil ao governo designar-lhes um abrigo qualquer, onde pudessem viver tranquilos. Assim julgava, pelo menos, Veríssimo de Goes e, convencido de que o seu procedimento redundaria tanto em proveito dos moradores como aos pobres índios, começou a dar execução ao seu plano humanitário.

Uma vez estando ele a fazer um serviço com o seu carro nas proximidades do Capivary, procurou os Otis em seus esconderijos e os persuadiu a que o acompanhassem; foi aceito o seu convite e toda a horda se reuniu com o seu capitão Manoel Achimaco no São Matheus; quando, porém, chegou a hora da marcha que os traria a leste, uma turma ficou desconfiada e retrocedeu, voltando aos seus esconderijos na solidão; com a maior parte, alguns 30 homens, Veríssimo alcançou São Paulo, quando ele, porém, supunha encontrar no governo abrigo para esse pessoal e talvez uma recompensa pelo seu serviço. Desgraçadamente se enganava, pois que nem uma nem outra coisa foi-lhe concedida; sem a menor cerimônia, fez-se o que era mais fácil, deram alguns presentes aos índios e os despediram, mandando voltar aos campos donde tinham vindo. Nessa viagem de regresso, deram-se sérios abusos. Desapontado, furioso e completamente sem recursos para a manutenção de seu pessoal, não era possível a Veríssimo de Goes fazer o custeio das despesas e, nesse apuro, diz ter ele vendido alguns homens, sendo as mulheres entregues do modo mais ultrajante à mais vil prostituição; com um restozinho chegou finalmente outra vez a São Matheus; mas era fatal que nenhum dos índios pisaria jamais o campo pátrio; neste último povoado uma epidemia perniciosa matou a Manoel Achimaco e a todos os demais que se achavam com ele; de todos estes que Veríssimo de Goes levava para leste, há alguns anos, vivia apenas um homem na região da Aparecida, em São Manoel.

O pequeno grupo que deixou de acompanhar naquela ocasião a Veríssimo de Goes, voltando aos seus esconderijos no Laranja Doce, foi aí pouco depois atacado pelos seus inimigos mortais, os Coroados, e quase completamente exterminado; dos poucos que ainda ficaram, os brasileiros matavam um ou outro no campo, de modo que, em 1903, só restavam de toda tribo no campo, 1 homem, 4 mulheres e 4 crianças, sendo nesse mesmo ano ainda morto, sem razão alguma, o último homem por um tal Manoel Caetano.

Mais tarde, essas quatro mulheres tentaram unir-se com os brasileiros; acoissadas pelos Coroados, seus inimigos, correram com os filhos nos braços para perto de um grupo de trabalhadores que estavam ocupados na colheita de milho; agarrando-os pelas mãos, deram-lhes a entender que desejavam unir-se a eles, e tudo parecia bem encaminhado, quando de súbito um desses trabalhadores sugere a suspeita que essas mulheres não fossem “Chavantes”, mas sim mulheres dos Coroados. Mal se declinara o nome desta tão tímida tribo, perderam os trabalhadores a cabeça e, possuídos de verdadeiro pânico, cada um procurava sua arma nem mais se lembrando da orelha furada dessas mulheres que era o sinal da tribo Oti. Debalde clamava o velho Israel que não atirassem nelas, debalde; a distância de um braço estendido um dos seus parentes varou com uma bala a cabeça da índia que lhe estava mais próxima; esta lhe caiu aos pés, fugindo as outras três ao mato e os trabalhadores para as suas casas.

No dia seguinte, encontrou-se o cadáver da mulher ainda no mesmo lugar. Estando ainda viva a criança que conduzia, a qual só veio a falecer muito tempo depois.

As outras três mulheres continuavam sumidas: descobriram-se de vez em quando nos mais retirados recantos as suas três choças. E, em 1908, um boiadeiro as viu procurando gado no Marambaia, um pequeno afluente da margem direita do Capivary, quando elas atravessavam um brejo. Já então só uma criança traziam consigo e, depois disso, um viajante encontrou apenas duas mulheres sentadas ao lado da estrada, encobriam o rosto com suas mãos. Quando em 1909, por incumbência do Museu estadual, me pus à procura dos últimos Otis, encontrei por diversas vezes choças deles na cabeceira do Comprido, um pequeno afluente da margem direita do Laranja Doce e também no Campo da Confusão, já na região do rio do Peixe. Essas choças eram sempre em número de duas, uma maior e outra menor, porém a maior era ainda tão pequena que me parecia impossível ficar-se assentado direito dentro dela. Andarão essas duas mulheres ainda pelos sertões?

Poucos dias depois dessa minha descoberta, soube que uma índia tentara chegar-se a um homem que estava tirando cipós; não tendo, porém, esse homem noção alguma de índios, por ser novo aí, a teve por louca e fugiu dela. Debalde pesquisei ainda por mais de uma semana e por todos os recantos de campo, não encontrando nem um vestígio sequer.

Que eu o saiba com segurança, são apenas três os sobreviventes dessa tribo e são: 1 homem e 2 mulheres, os quais estão agora na região da Platina e foram apanhados muito crianças ainda: Luzia Chavantes, uma guapa moça que vive agora amasiada com um caboclo e que tem um passado comovente, tendo sido furtada diversas vezes ao seu primeiro amásio; foi apanhada quando criança por um tiro de chumbo nas costas e caiu assim em mãos dos perseguidores.

Maria Chavantes, uma mulher já idosa, casada com um italiano, que é oleiro e com quem tem dois filhos; é uma mulher decente e trabalhadora; declarou-me o seu marido que não a trocaria por qualquer branca; e, finalmente, José Chavantes, que foi casado com uma Coroada prisioneira, com a qual, no entanto, não vivia bem; é um sofrível lavrador e bom carreiro. Quando eu cheguei a conhecê-lo, já o morbo do impaludismo o tinha a bordo da sepultura, e em breve estava ele descansando com os seus irmãos. Com José Chavantes morre o último homem da tribo Oti.

**Recebido em 26 de fevereiro de 2013**

**Aprovado para publicação em 28 de março de 2013**

